

Editorial

A escassos dias do centenário do Regicídio (1 de Fevereiro de 1908), António Chitas e Álvaro Arranja conduzem-nos numa viagem pela história, revelando-nos aspectos menos conhecidos da vida e personalidade do rei D. Carlos e dos regicidas, Manuel Buiça e Alfredo Costa, a partir de relatos e testemunhos de gente que com eles privou.

Notícias do C.E.B.

No passado dia 21 de Dezembro de 2007, pelas 18h00, no Salão Nobre dos Paços do Concelho, o Vice-Presidente do CEB, António Chitas, a convite da LASA - Liga dos Amigos de Setúbal e Azeitão, proferiu uma palestra sobre aspectos da vida e obra de Bocage (com poemas ditos por Ana Paula Rosa), no âmbito do lançamento do livro do "IX Concurso Literário Manuel Maria Barbosa du Bocage".

Com o apoio do Instituto Português do Livro e a chancela das "Edições Caixotim", acaba de ser publicado o volume IV da *Obra Completa de Bocage - Sátiras, Madrigal, Poesias Várias, Epitáfios, Improvisos, Elogios, Dramas, Prólogos de Peças Teatrais, Fragmentos*. A fixação do texto, as notas e o estudo prévio são da autoria de Daniel Pires.

O Centro de Estudos Bocageanos vai fundar, em breve, um Museu Escolar. No dia 9 de Fevereiro, pelas 16 horas, na Biblioteca Municipal de Setúbal, serão apresentados manuais e objectos pedagógicos, que fazem parte do acervo do mencionado museu, dos séculos XVIII, XIX e da primeira metade do século XX. Entrada livre.

Carlos de Bragança, o homem por detrás do estadista

A paixão do mar foi uma constante ao longo da vida de D. Carlos. As doze campanhas científicas que efectuou a bordo dos iates "Amélia" (quatro), entre 1896 e 1907, permitiram o desenvolvimento dos estudos oceanográficos e um melhor conhecimento dos recursos da costa portuguesa.

Ao longo desses onze anos, o rei estuda a costa algarvia e a zona marítima entre o Cabo Espichel e o Cabo Raso.

No decurso das campanhas oceanográficas, momentos de descontração e de convívio informal, trava amizade com marinheiros e simples pescadores, revelando-se um homem afável, bem disposto e cativante.

O naturalista francês Albert Girard, colaborador do rei para a área da oceanografia, escreveu sobre ele o seguinte:

"(...) tratava de conviver com os

pescadores (...). Ouvia-os no seu contar pitoresco, pedia-lhes que lhe fornecessem as formas animadas que impressionassem a sua vista, tomava nota de todas as informações que interessassem a captura, e, sem o pretender, cativava-os, fazia-os a todos amigos."⁽¹⁾

Também Raul Brandão (1867-1930), na sua prosa única e inconfundível, testemunha esta faceta humana e solidária do monarca: "D. Carlos estimava-os [pescadores de Olhão] e eles ainda hoje se lembram do rei, a quem falavam, não com a subserviência dos políticos, mas de igual para igual, como a um pescador de maior categoria. Às vezes D. Carlos encontrava-os no mar alto. - Então que tal a pesca? - Nada. - Também, vocês estão aqui, e ali em baixo, a três milhas, o peixe anda aos cardumes. - Mas com este vento, como é que a gente há-de lá



D. Carlos I (1863-1908) trajado com o grande uniforme de Marechal General do Exército

ir? - Botem os cabos!... E, voltando atrás, levava-os a reboque do iate até ao sítio da abundância."⁽²⁾

Talvez por essa generosidade de carácter tenha sido recompensado por alguns pescadores algarvios, que lhe ofereceram dois cães-d'água, o "Tejo" e o "Sado", utilizados pelo rei nas suas campanhas oceanográficas.

Notas:

⁽¹⁾ Albert Girard, citado por Margarida Magalhães Ramalho, in *Fotobiografias do século XX - Rei D. Carlos*, Círculo de Leitores, 2001, pág. 90.

⁽²⁾ Texto de Raul Brandão, publicado por Vitorino Nemésio, in *Portugal, A Terra e o Homem* (antologia de textos de escritores dos séculos XIX - XX), edição da Fundação Calouste Gulbenkian, 1978, pág. 117.

António Júlio Barreto Chitas

BUIÇA E COSTA



Manuel Buiça e Alfredo Costa na morgue, após o regicídio

os ombros e lhe imprimisse às costas uma quebratura já perceptível"

Empregado do comércio, trabalhou nos Grandes Armazéns do Chiado e depois num estabelecimento de ferragens. Tinha vindo para Lisboa a cuidado do tio, abastado lojista. A sua inteireza levava-o a não pedir favores. Conheceu todos os trabalhos das lojas, as carroças para descarregar ou os carregos para fora. Também foi caixeiro-viajante. Rebelde por natureza, tinha nítida a ideia de que é vergonhoso para qualquer homem, digno desse nome, aceitar favores ou grilhetas. Passou muitos dias sem comer, ocultando a sua fome, já que a ideia de estender a mão a alguém lhe era intolerável.

O seu sentido de justiça, levou-o a empenhar-se no associativismo de classe, chegando mesmo a

presidir à Associação dos Empregados do Comércio de Lisboa. No jornal *O Caixeiro*, escreve:

"Sou pelas greves, como sou por todos os meios de resistência empregados pelo fraco, pelo oprimido, em defesa dos seus mais legítimos interesses quando extorquidos pelo forte, arvorado em opressor. Sempre que um patife tenta ferir a nossa dignidade ou um ladrão nos quer tirar a bolsa, é dever sagrado atirarmo-nos a ele, sem olharmos às forças de que dispomos e às consequências da luta. Para os patrões burgueses que nos exploram, e nós servimos sabujamente, vai o meu mais activo ódio e a minha viva repulsa."

Manuel Buiça era transmuntano de Bouçais (Valpaços), filho ilegítimo do pároco de Vinhais. Diz-nos Aquilino que "era homem de estatura meã, rosto fino, tez branca a que dava realce a barba pre-

ta com tons de fogo. A testa era espaçosa, com arcadas. A aparência, toda ela de franzino, mascarava-lhe inteiramente o génio assomado e a coragem que não era tarda nem jamais receosa a medir-se. Só os olhos muito móveis e azuis, mas sem crueza, traíam nele o ânimo expedito e a índole exaltada. Os seus modos espalhafatosos seriam detestáveis se não houvesse a contrabalançá-los uma grande e sincera franqueza."

No Café Gelo, no Rossio, era certo à mesa branca, na parte que olhava para a Rua do Príncipe, um cálice de conhaque à frente, a fazer a correspondência ou cavaquear alto com conhecidos ou próximos. O café significava para ele o cenáculo, a roda de amigos a que levava a sua amizade, a vezearia a que misturava a voz.

Era professor no Colégio Moderno e antes, no exército, tinha chegado a sargento, distinguindo-se como exímio atirador. Morava nas Escadinhas da Mouraria, num quarto andar do número quatro. A data do regicídio era viúvo e pai de dois filhos, Elvira com sete anos e Manuel com seis meses. Aquilino, testemunha no registo do rapaz, escreve que Manuel Buiça era "pai de família extremosíssimo, consagrando aos filhos uma adoração sem limites, apon-tos de, tresnoitado ou embriagado, se não poder deitar sem os beijar e se abraçar neles." Foram estes dois homens que há cem anos, saíram do Café Gelo, em direcção ao Terreiro do Paço, com a certeza de que não regressariam vivos do seu encontro com a história...

Álvaro Arranja